

O TREM *da* HISTÓRIA

ANO 6 - Nº 19

JAN / FEV / MAR - 96

BOLETIM INFORMATIVO DO SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO



Igreja Matriz de São Domingos (Construída no período de 1796 a 1800 e demolida em 1930) 1927. Doação de José do Pinho. Arquivo SPH FCCB.

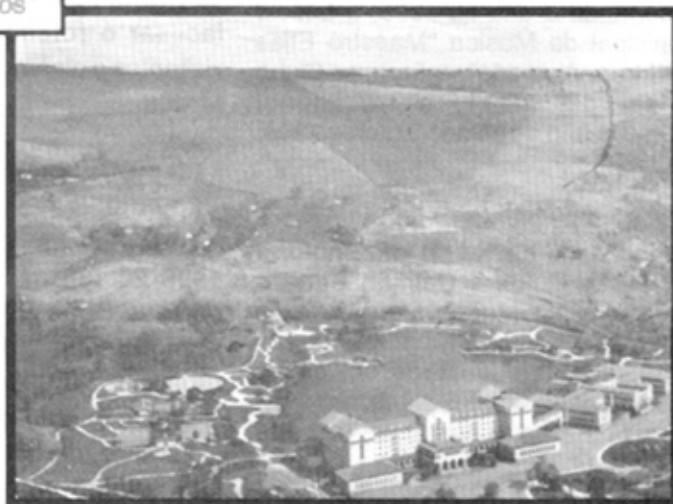


Casa de banhos - Barreiro 1926-1930. Fotografia de Octávio Fonseca. Doação de José de Pinho. Arquivo SPH FCCB.

TROPEIROS,
AQUÁTICOS E
MINEIROS



Antiga fonte Andrade Junior 1963. Doação de José Augusto Montandon Neto. Arquivo SPH FCCB.



Vista aérea do Barreiro. 1950/1960. Foto de Salviano Barreto. Doação de Augusto Eduardo Montanden. Arquivo SPH FCCB.

Tropeiros, Aquáticos e Mineiros" é o título de um texto produzido com a intenção de expor toda a História de Araxá, sucintamente, sem se desviar, contudo, da sua análise enquanto processo histórico. (Pág. 06)

PÁG. 4
OS CASARÕES
DE ARAXÁ
- SÉC. XIX -

Primeiro foi o Museu Dona Beja. Agora é a vez de o sobrado que abriga a Pensão Tormin ter a sua história reconstituída. Este sobrado compôs o traçado inicial da praça que deu origem à cidade.

PÁG. 12
PESQUISAS...
em Araxá

A tradição oral - transmitida verbalmente de geração em geração - é uma das maneiras de se reconstituir o passado. Leia na página 12 os temas que estão sendo estudados e participe da elaboração das pesquisas prestando suas informações.

Fazendo História

BANDA MUNICIPAL DE ARAXÁ

A Fundação Cultural Calmon Barreto através da Escola de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" fez, no dia 22 de novembro de 1995, a 1ª apresentação da recém-criada Banda Municipal, com duas apresentações: às 17 h na Prefeitura Municipal e às 18 h na Praça Governador Valadares.

REUNIÃO DO POCULTAP

Foi realizada na Fundação Cultural Calmon Barreto, no dia 29 de novembro de 1995, a reunião de encerramento das atividades do POCULTAP - Pólo Cultural do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba - no ano de 1995, com a presença de vários representantes das cidades que compõem esse Pólo Cultural.

RECITAL

Encerrando o ano de 1995, a Escola Municipal de Música "Maestro Elias Porfírio de Azevedo" realizou, no Clube Araxá, dia 28/11, a tradicional apresentação de alunos e professores.

"NATAL COM OS ANJOS"

Durante todo o mês de dezembro, a Fundação Cultural Calmon Barreto promoveu, no Museu Dona Beja, a exposição "Natal com os Anjos". Foram expostas esculturas em gesso pintadas pelas artistas plásticas Nádia Pereira Feres e Virgínia Teixeira Dumont.

CORAL DA ESCOLA DE MÚSICA "MAESTRO ELIAS PORFÍRIO DE AZEVEDO"

O Coral da Escola de Música apresentou-se pela primeira vez, no dia 3 de dezembro de 1995, na Igreja Matriz de São Domingos. Com rico repertório alusivo a canções natalinas, encerrou, com grande brilhantismo, suas atividades do ano.

Regeram o Coral: Conceição Rosa e Maria Angela de Azevedo Bittar.

CORAL "HEITOR VILLA LOBOS"

Em comemoração aos dez anos de sua criação, o Coral "Heitor Villa-Lobos" da Fundação Cultural Calmon Barreto fez uma apresentação na Matriz de São Domingos, no dia 10 de dezembro de 1995. Sua primeira regente Hercília Cardoso Del Nery e Maria Teresa R. Rios, sua sucessora, apresentaram com maestria várias canções, inclusive, músicas natalinas.

O SABOR DA TRADIÇÃO

Pelo quarto ano consecutivo abrimos o espaço do Museu Dona Beja, durante os dias de Carnaval, para a comercialização dos produtos de Araxá. Esse evento, que teve a participação da Associação dos Artesãos e Doceiras de Araxá, busca preservar a tradição, facilitar o roteiro de compras dos visitantes e dinamizar as atividades do Museu.

MUSEU: 22.138 VISITANTES

As estatísticas comprovam que em 1995 22.138 pessoas visitaram os Museus Dona Beja e Sacro. Neste último, o número de visitantes no mês de janeiro de 1996 diminuiu em relação a janeiro do ano passado. No Museu Dona Beja, porém, o número foi superior. Nesse mesmo período, lá estiveram 2.668 visitantes.

OBJETOS DA FÉ

A exemplo do ano passado realizamos a mostra OBJETOS DA FÉ (no período entre 28/03 e 14/04) no Museu Dona Beja. Dessa vez foram expostos, como símbolos da evangelização, crucifixos antigos pertencentes ao acervo dos Museus e de particulares.

Editorial

É nosso propósito publicar este ano, as quatro edições anuais de O Trem da História, embora apenas três tenham circulado em 1995, por questões financeiras. Pretendemos divulgar os temas a serem estudados para que os nossos leitores possam participar do processo de elaboração das pesquisas fornecendo as informações de que dispõem. Esse contato é fundamental. A história oral oferece subsídios e suscita visões sob um ângulo diferente daquele proporcionado pelas fontes arquivísticas.

O Quem foi Quem dessa edição e das próximas, busca ressaltar a importância dos profissionais e seus ofícios na formação e no crescimento da cidade. Trazemos a biografia de D. Pequetita na tentativa de divulgar o trabalho anônimo da costureira que contribuiu para o aprimoramento e para a valorização da nossa mão-de-obra feminina.

Sabemos que a definição do traçado urbano de Araxá deu-se a partir do assentamento em volta da Igreja Matriz de São Domingos, na antiga praça, hoje chamada Coronel Adolpho. As moradias e as casas de negócios nelas construídas estão sendo reconstituídas historicamente, primeiro o Museu Dona Beja e agora, a Pensão Tormin.

Distanciando-nos dos temas específicos, publicamos o texto "Tropeiros, Aquáticos e Mineiros". Produzido com o intuito de permitir a compreensão de toda a História de Araxá em espaço e tempo reduzidos, ele abrange o período que vai desde a formação geológica do Barreiro, onde tudo começou, até a atualidade. Um texto dessa amplitude justifica-se pela necessidade de transmitir os conhecimentos sobre a nossa história de forma concisa, elucidativa e didática. Esperamos ter alcançado o objetivo proposto.

FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO DE ARAXÁ

Praça Arthur Bernardes, 10 - Fone: 662-1033
Ramais 2260, 2262 e 2263 - Fax: 662-1262 - CEP 38180-000

PRESIDÊNCIA:

Lygia Cardoso Maneira

SETOR DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Marília Aparecida dos Reis

SUPERVISÃO DE ARQUIVOS

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

SUPERVISÃO DE PESQUISA

Rossina Spinoso Montandon

SUPERVISÃO DE MUSEUS

Bernadete de Lourdes Rezende Teixeira

O TREM DA HISTÓRIA

EXPEDIENTE

PESQUISA E TEXTO

Glaura Teixeira Nogueira Lima

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Rossina Spinoso Montandon

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Elaine Denise Oliveira (DRT/DF 2089/80)

REVISÃO: *Antônia Verçosa*

LAY-OUT: *Imagem Propaganda*

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARAXÁ



CASA DO MÉDICO

BRAMEL - Brasil Médica Ltda. - ME
De Paulo Melasippo

CADEIRAS DE RODAS - MEIAS PARA VARIZES
FUNDAS PARA HÉRNIAS MATERIAL MÉDICO - CIRÚRGIO
HOSPITALAR E DE LABORATÓRIO EM GERAL

AV. AFONSO PENA, 981 - LOJA 01 - GALERIA DO
EDIFÍCIO SULACAP - CENTRO - FONE: (031) 224-4407
CEP 30130-002 - BELO HORIZONTE - MG



ANTÁRTICA



DISTRIBUIDORA DE CERVEJAS ARAXÁ LTDA.

Av. Amazonas, 2500

Fone: 661-3193

Água tratada
para Araxá crescer
com saúde.

COPASA MG

QUEM FOI QUEM

D. Pequetita



Pequetita e Alfredo Melasippo. Sem data. Acervo Conceição Melasippo.

Em janeiro de 1928 circulava, pela primeira vez, uma publicação batizada com o nome de **ÁLBUM DE ARAXÁ** e que propunha, no seu editorial, divulgar as "possibilidades econômicas e sociais desta bella terra" (1). Trazia o Álbum textos sobre a nossa formação histórico-administrativa e enfoques especiais sobre a agro-pecuária, as águas minerais, a educação, a saúde, a imprensa, o urbanismo, o folclore, a música e principalmente, sobre as pessoas que faziam a história naquele momento.

Esta revista é, algumas vezes, um ponto de partida e de referência para as nossas pesquisas por apresentar um bom número de fotografias interessantes (em certos casos, as únicas disponíveis sobre determinados temas) e por se constituir em um dos meios que nos levam à análise do contexto histórico de então.

As últimas páginas do **ÁLBUM DE ARAXÁ** publicam um informativo sobre os estabelecimentos comerciais, os serviços que a cidade tinha a oferecer e os profissionais de que ela dispunha. Da propaganda constava, é claro, o endereço completo do anunciante. Na Rua São Miguel, hoje Rua Capitão Izidro, por exemplo, encontrava-se a filial da Casa Braga (de Arnaldo Araújo e Irmãos), o Brasil Hotel (de Areovaldo Affonso), o Hotel Paiva (dirigido por João Ruckert), a tipografia responsável pela impressão do Jornal Minas-Brasil (de Sebastião Gomes), o Consultório Médico do Dr. Edgar Lamarão e a Oficina de Costura e Chapéus de D. Pequetita.

DADOS PESSOAIS

Para quem não a conheceu, D. Pequetita, apelido de Maria Salerno Melasippo, foi uma araxaense nascida a 10/10/1895 e que optou por exercer um ofício além daqueles tradicionalmente atribuídos à mulher, como os de esposa, de dona-de-casa e de mãe. D. Pequetita quis ser uma profissional da arte de costurar roupas, enxovais de noivas e de fabricar diferentes tipos de chapéus.

Filha de Cândido Manoel dos Reis e Luiza Salerno dos Reis, foi criada, porém, pelos seus avós Luís Boaventura Salerno (que aqui ocupou a função de Juiz de Direito) e Gabriella Arcanja Benigna da Silveira (professora primária em Araxá nas últimas décadas do século XIX). Vivendo na antiga Rua Boa Vista recebeu da avó professora as lições de vida e de alfabetização.

Comumente se diz que em tempos difíceis torna-se fundamental saber despertar a criatividade. Aos dezesseis anos começou a costurar, sozinha, seguindo o processo de desfazer a roupa, recortar e costurar novamente para, assim, aprender.

PROFISSÃO

Desde 1924 o seu ateliê de costura funcionava no mesmo local onde o **ÁLBUM DE ARAXÁ** anunciava em 1928. Diplomada pela Escola de Corte e Costura Santa Ignez, de São Paulo, então já reconhecida oficialmente, de lá trazia o material e as formas para confeccionar os chapéus, de palha ou de feltro, enfeitados com bordados, penas e fitas. Nas suas constantes viagens à capital paulista fazia uma espécie de reciclagem quando adquiria figurinos importados e inspirava-se em modelos internacionais para atender à exigente clientela araxaense da época e aos turistas que solicitavam o seu trabalho durante as temporadas em que permaneciam na cidade.

Foi em Araxá, durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), que Dona Pequetita conheceu o italiano Alfredo Melasippo e com ele se casou. Alfredo foi chamado ao Brasil pelos seus irmãos Luís e Paschoal, que já estavam na cidade, atraídos pelas águas minerais do Barreiro. Os dois irmãos, mais tarde, retornaram à Itália e Alfredo aqui permaneceu, embora tivesse sido convocado para servir o exército italiano. Como já se achava casado com uma brasileira, conseguiu sua dispensa e não deixou mais o Brasil. Pequetita e Alfredo Melasippo tiveram dez filhos: Conceição (Concetta), Mauro, Maria Antonieta, Luiza, Alfredo Júnior, Paulo, Adelina, Irma, Ivone e Nelly. Alfredo foi proprietário da Sapataria Veneza, onde comercializava os sapatos que fabricava à mão, de acordo com as formas que a freguesia lhe solicitava.

PERSONALIDADE

Dona Pequetita viveu em Araxá até 1948, quando mudou-se para Belo Horizonte. Lá, através de Mercedes Alvim, esposa do ex-prefeito Dr. Fausto Alvim, foi apresentada à família do Governador Milton Campos e, a partir daí, a muitas outras para as quais prestou seus serviços de costureira e chapeleira. Soube, porém, conciliar o trabalho que com o passar do tempo foi dedicado somente à família, a um grande hobby: viajar.

Depois de conhecer todo o Brasil e alguns países da América do Sul, aos 86 anos, fez uma viagem à Europa (visitou oito países) e ao Oriente Médio onde sentiu a emoção de passar pelos mesmos lugares por onde Jesus passou. Dona Pequetita morreu em 1989 sem, contudo, perder o vínculo com Araxá e com as amigas da infância e da mocidade como, Venina Santos, Maria Pereira Valle, Maria Guimarães Faria (Maria do Cláudio) e outras.

Na concepção das amigas e de antigas clientes, D. Pequetita foi uma mulher simpática e simples, dinâmica e empreendedora e, sobretudo, criativa. Estes são pré-requisitos básicos para mulheres de visão que souberam ultrapassar os limites do tempo em que viveram. Muitas destas mulheres de Araxá (que tenham adquirido notoriedade ou não) percorreram o mesmo caminho de D. Pequetita e são merecedoras do nosso reconhecimento.

O estudo da formação econômica e social da cidade inclui, obrigatoriamente, a participação desta mão-de-obra feminina que, desde o século passado, vem conquistando uma posição de destaque. Os trabalhos artesanais produzidos em Araxá são sinônimos de qualidade, de primor e de gosto apurado. Trata-se de uma tradição que deve ser preservada e de uma possibilidade econômica a ser cada vez mais explorada.

Fonte:

- (1) CARVALHO, Horacio (Org.). *Álbum do Araxá*. São Paulo, Typographia Gutenberg. 1928, 98p.
- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.
- Depoimentos: Conceição Melasippo, Maria Santos Teixeira, Maria Pereira Valle.

OS CASARÕES DE ARAXÁ - SÉCULO XIX

O SOBRADO DE BEJA

Quando em 1834 Anna Jacintha de São José requereu da Câmara Municipal um alinhador para alinhar umas propriedades que tinha adquirido no fundo de seu quintal e defronte ao "beco", atual rua Cônego Cassiano, produziu-se o primeiro documento de nosso conhecimento, que registra a presença de D. Beja como proprietária de um imóvel situado na área mais importante no traçado urbano de Araxá do século XIX.

Podemos concluir então que, na década de 1830, "O Sobrado da Beja", como mais tarde ficou conhecido, já tinha sido construído e que sua proprietária e construtora, como declarou sê-la, estava ampliando suas propriedades em direção aos fundos, de modo que seu quintal adquirisse um formato de L. Em meados do século passado, aproximadamente, provocado pelas descobertas de diamantes, Araxá viveu um grande êxito populacional em direção a Bagagem, hoje Estrela do Sul.

Essas descobertas provocaram durante um bom período uma verdadeira "corrida aos diamantes". Certamente nem todos iam diretamente atrás da sua exploração. Muitos eram atraídos pela pujança econômica que essa atividade gerou naquela localidade e que se tornou um fator determinante do declínio econômico de Araxá na época.

Entre aqueles que se transferiram para Bagagem durante a "corrida aos diamantes" encontrava-se Anna Jacintha de São José.

Desconhecemos a data certa em que este fato ocorreu. Sem dúvida foi durante a sua maturidade, quando já tinha definido a situação das filhas que já se encontravam casadas e com suas respectivas famílias constituídas.



Pensão Tormin 1996 Fotografia de João de Lima Arquivo SPHECCB

A ESCRITURA

O fato é que, com Dona Beja já morando em Bagagem, em 25 de julho de 1864 foi feita em Araxá uma escritura de compra e venda do sobrado onde Anna Jacintha tinha residido e que constitui um dos principais documentos em que fundamentamos esta pesquisa.

De acordo com o documento, o sobrado "que ella edificou" estava situado no largo da Matriz e tinha como vizinhas pela lado esquerdo "as casas do finado Pedro Amado de São Paulo" e pelo lado direito a que pertencera a Joaquim da Costa Pereira e outros.

Cabe lembrar que em 1861 na escritura de compra e venda do casarão da esquina, que hoje abriga o Museu Dona Beja, Joaquim da Costa Pereira e seu irmão Francisco, já eram citados como vizinhos de "lado de cima" deste prédio.

Pedro Amado de São Paulo, àquelas alturas já falecido, tinha sido um dos três filhos ilegítimos que, junto com Theresa Thomasia de Jesus, filha de Beja, foram legitimados em cartório e depois contemplados em testamento pelo padre Francisco José da Silva.

Ainda de acordo com esta escritura, a casa possuía quintal, poço de água, plantação de café e laranjeiras e foi vendida para Ignácio Affonso de Almeida pelo preço de 2 contos e 550 mil réis (2\$550.000) que foram pagos através de duas "claresas" (letras), uma de 1 conto e 439.759 réis que o genro da Anna Jacintha, Clementino

Martins Borges, devia a Pedro Affonso de Almeida e que o comprador resgatou, e a outra no valor de 1 conto 110.250 réis a ser pago pelo comprador no prazo de um ano.

"Pela vendedora não saber escrever" assinava o documento, a rogo, seu genro Clementino Martins Borges.

OS OUTROS PROPRIETÁRIOS

Em 1870, Ignácio Affonso de Almeida faleceu, e entre os bens que constavam em seu inventário estava o sobrado "comprado a D. Anna Beja", avaliado em 3:360\$000, que foi herdado pelos seus filhos Antonio Affonso de Almeida, Luiza Jacintha de Castro casada com Oliverio de Paula Barreto e Maria Candida de Castro, casada com Antonio Theodoro da Silva Botelho Sobrinho.

Entre 1875 e 1876 o genro Antonio Theodoro comprou dos demais herdeiros a parte que coube a cada um no sobrado "... que foi da finada D. Anna Jacintha de São José..." e que possuía na planta baixa, na frente, 3 portas e 3 janelas e já era denominado "Sobrado da Beja".

Após a morte de Antonio Theodoro, em 1893 seus filhos e genros herdaram o sobrado. Como sempre acontece nestes casos, um dos genros, José Vieira Machado casado com Maria Luisa de Castro, comprou a parte dos outros herdeiros. Em 1896 vendeu-o para Francisco Antonio de Ávila (Chico do Muro).

Em 1º de março de 1907, Maria Rita de Paiva, viúva de Francisco Antonio de Ávila, vende o sobrado para Guilherme Scarpellini, imigrante italiano. Provavelmente, foi ele que realizou a reforma da fachada, modificando os elementos arquitetônicos tradicionais nas construções do século XIX e introduzindo-lhe alguns toques de "modernidade" da sua época, que conferiram ao sobrado as feições que até hoje apresenta.

Ainda hoje podemos observar na platibanda, a data de 1907, de acordo com o costume da época de registrar nos prédios o ano da sua construção ou da última reforma realizada.

Guilherme Scarpellini pagou pelo sobrado 2 contos de réis em dinheiro. Como podemos observar, o prédio já tinha sofrido uma desvalorização de 550 mil réis nos 51 anos transcorridos desde a primeira vez que foi vendido, em 1861.

Neste período, o vizinho de lado esquerdo era o Major Veríssimo Vieira de Paiva, e do lado direito D. Placidina Maria de Jesus.

Após 2 anos, Guilherme Scarpellini e sua esposa Theodora dos Santos Scarpellini venderam o casarão em setembro de 1909 para Antonio de Castro Magalhães.

mulher, D. Letícia Scarpellini Rosa, a propriedade de 1.913 m² na Praça da Matriz, avaliada em 11 contos de réis, por uma casa que esses últimos possuíam na Rua Boa Vista.

Três meses depois, em setembro do mesmo ano, o casal Rosa vendeu-a para Astolpho Rodrigues Valle e também, no mesmo ano, Hildebrando Pontes, recém-chegado a Araxá instalou no local o COLÉGIO SANTA FILOMENA.



Praça Coronel Adolpho, ao centro o prédio da Pensão Tormin. Década de 20
Arquivo SPH/FCCB

OS COLÉGIOS

A família Magalhães chegou, proveniente de Oliveira, em 1904. Como as mulheres da família eram todas professoras, fundaram em Araxá o COLÉGIO NOSSA SENHORA DO CARMO, que passou a funcionar no casarão, dirigido por D. Maria de Magalhães.

Em junho de 1924, Antonio de Castro Magalhães e D. Maria de Magalhães trocaram com Ernesto Rosa e sua

A PENSÃO

Após a morte de Astolpho Rodrigues, na partilha dos bens realizada em 1936, o casarão ficou para a viúva dona Luisa Rodrigues Valle. Em 1943, ela o alugou ao casal José e Hipolita Tormin, recém-chegados à cidade, procedentes de Sacramento e que instalaram, no local, uma pensão.

Oito anos depois, em 9 de janeiro de 1951, o mesmo casal adquiriu o

imóvel onde continua funcionando até hoje a Pensão Tormin. Desde 1967 está sob a direção de Jairo do Espírito Santo Brito e sua esposa Marlene Tormin, filha dos fundadores.

O Sobrado da Beja teve diferentes funções ao longo da sua história: primeiro a residencial para o que foi, sem dúvida, construído; mais tarde abrigou colégios e pensões como a que, até hoje, existe no local. Chegamos a pensar que, em algum momento da sua existência, serviu,

quem sabe, até de abrigo para pessoas carentes, visto que, em 1854, no inventário de Josefa Pereira, senhora rica que foi dona do prédio da atual Câmara Municipal, aparece na relação de pessoas que receberiam esmola por disposição da inventariada, "Rita mulher pobre em Casa da Beija".

Como as pessoas, as casas têm sua história. Muitas vezes esta se confunde ou caminha paralela à dos moradores. Este casarão, com o tempo, teve sua história dissociada da história de sua dona e o nome de "Sobrado da Beja", acabou indo para o sobrado vizinho que, na verdade, nunca pertenceu a Anna Jacintha de São José.

Fontes:

- Arquivos Cartoriais:
 - Cartório de 1º e 2º Ofício de Notas
 - Secretaria de 1ª Vara Judicial
- Arquivos da Câmara Municipal

SUPERMERCADO
— TAKANOTA —

RUA CALIMÉRIO GUIMARÃES, 1023
TELEFONES: 662-2354 e 662-2968



Fone: 661-2461

R. Dr. Edmar Cunha,
700 - Vila Padre Alaor

- Planejamento paisagístico e execução
- Formação de pomares, parques e Jardins
- Produção e comércio de plantas

ABASTEÇA NO POSTO MAX
COM CARTÃO DE CRÉDITO OU
PRAZO NO CHEQUE. MAXDIESEL

ONDE VOCÊ ESTÁ
SEMPRE GANHANDO.



TROPEIROS, AQUÁT



HOMEM E NATUREZA

A História de Araxá apresenta alguns aspectos específicos que fazem dela uma história que tem despertado interesse, admiração, polêmica, curiosidade e, até mesmo, estimulado sonhos e fantasias naqueles que por ela se interessam. Araxá tem na sua formação geológica riquezas minerais como as águas sulfurosa e radioativa, o nióbio, a apatita, entre outras.

Na Bacia do Barreiro foram encontrados numerosos restos de mamíferos que aqui viveram e foram extintos há 10.000 ou 12.000 anos atrás.

Da sua origem indígena Araxá herdou, sobretudo, o próprio nome que na língua tupi-guarani tem o significado - por extensão - de um lugar alto onde primeiro se avista o sol.

Na região de Araxá formou-se um dos maiores quilombos de Minas Gerais. Essa comunidade negra que foi vista como uma ameaça ao escravismo - um dos pilares da economia agrária colonial - é hoje, quase 250 anos depois, um foco de interesse e de atenção para os pesquisadores, para os arqueólogos e para a comunidade em geral.

Uma cidade com essas nuances é ainda uma cidade turística cujo potencial a fez tornar-se uma estância-hidromineral, atrair cientistas e visitantes de vários lugares diferentes. Em função do turismo criou-se o mito Dona Beja que agora é exportado, via televisão, para países da América Latina e Europa.

Para se fazer uma exposição dessa história, sem adotar uma apresentação puramente factual, o que implicaria em algo exaustivo pela própria densidade do tema e por sua natureza, optamos por mostrar uma evolução histórica, propriamente dita, e os mecanismos que estão por trás dela, ou seja, a forma com que a economia, a política, a sociedade e a cultura, em Araxá, se relacionam ao longo do tempo.

Sem privilegiar puramente o aspecto econômico, devemos sempre refletir que é essencial na História a forma pela qual se organiza a produção em uma comunidade garantindo as suas condições de sobrevivência. Recorrendo ao conceito de modo de produção podemos analisar as relações dos homens entre si e as dos homens com a natureza.

ONDE TUDO COMEÇOU

Aqui, a natureza proporcionou a existência do Barreiro. Foi no Barreiro que aconteceram as primeiras demarcações de terra, provocadas pela vinda dos primeiros exploradores que aqui chegaram para fazerem uso das nossas águas salobras e para praticarem a pecuária. A Bacia do Barreiro, onde tudo começou, é formada pelas fontes de água radioativa e sulfurosa, por 3 pequenos córregos (da Cascatinha, da Baritina e da Mata) que ao fi-

nal formam o Córrego do Sal e por um corpo de rocha fundida há 80 milhões de anos.

Com o passar dos anos esta rocha ou intrusão vulcânica (segundo os geólogos não foi exatamente um vulcão) sofreu as ações do tempo e permitiu o enriquecimento do solo com a concentração de minérios.

Nesse local foram encontradas, há mais ou menos 50 anos, uma das especificidades da nossa história: os fósseis - são vestígios de animais pré-históricos (mamíferos pleistocênicos extintos, no caso) que se conservaram até os dias de hoje sem perder as principais características. Esse material fóssil foi identificado nas escavações realizadas para a construção do Grande Hotel e pertenceu ao esqueleto de uma preguiça gigante (6mx6m), um mastodonte (semelhante a um elefante, porém bem maior) e uma terceira espécie, sem similar atual. Cada uma das peças pertencentes à preguiça gigante "têm grande importância científica sendo algumas raras porque completas". (Cartelle, 1994)

Nos anos 40 os fósseis do Barreiro foram submetidos a estudos científicos por autoridades brasileiras na área da paleontologia. Em 1994 essas peças foram novamente analisadas, desta vez, pelo Prof. Dr. Castor Cartelle, paleontólogo da Universidade Federal de Minas Gerais que, nessa ocasião, afirmou: "Em Araxá, a natureza preservou, ciosamente, durante miles de anos,

ÁTICOS E MINEIROS



Vista panorâmica, a partir do Alto de Santa Rita, alcançando toda a extensão da cidade. Década de 30. Fotografia de Becherine e Gabrielli. Doação de Alonso José de Aguiar. Arquivo SPH FCCB.

um bem científico cultural que é um patrimônio da nação*.

As peças foram restauradas pela equipe do Professor Cartelle e as réplicas estão expostas na Fonte Andrade Júnior. Recentemente foi criada uma associação que pretende instalar um Museu de Ciências com o objetivo de reconstituir historicamente a formação geológica do Barreiro.

A POPULAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA

Hoje em dia, em terras da região, quando se realizam os preparativos para o plantio, são encontrados vestígios de uma cultura há muito desaparecida. São objetos de pedra e cerâmica (fragmentos ou não) destinados ao uso doméstico e ao sepultamento, e esqueletos humanos. Resultado de muitos anos de pesquisa da arqueóloga e professora Dra. Márcia Angelina Alves, estes vestígios, porém, são datados de 6700 a +/- 50 anos antes do Presente (a.P.) a 7300 +/- 8 anos (a.P.).

Sobre a cultura desses primeiros habitantes do Vale do Paranaíba, população extinta e sem escrita, nos diz a professora Márcia: "...Assim, estes testemunhos indicaram artefatos confeccionados por populações que sabiam trabalhar a pedra (lascamento e polimento), conheciam a técnica de modelar a argila, produziam cerâmica utilitária e funerária, dominavam o fogo e já haviam desaparecido sem deixar escrita". (Alves, 1992)

Anteriores, portanto, à chegada dos colonizadores ao Brasil, os objetos evidenciam a existência de uma cultura pré-histórica, antecedente à cultura indígena do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A POPULAÇÃO INDÍGENA

Quando a colonização portuguesa chegou até aqui, no século XVII, nossa região (Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro) funcionava, até então, como uma espécie de passagem, uma rota a ser seguida até Goiás para onde as

expedições se dirigiam em busca de ouro. Mas... aqui vivia uma população indígena e a travessia, a exploração e a ocupação destas terras implicava, a princípio, um confronto com uma cultura bem diversa da cultura do colonizador.

A primeira alusão aos Araxás data da segunda metade do século XVII, isto é, em 1688, quando uma expedição passou por aqui rumo a Goiás. Outras referências são encontradas na documentação oficial dos séculos seguintes, sendo algumas citadas por autores especializados no tema. Geralmente são correspondências associadas às tentativas de subjugar a população primitiva e às hostilidades entre as duas partes.

Não existe, ainda, um estudo específico sobre os índios Araxás. Há que se realizar uma pesquisa científica que nos permita definir sua origem e suas características: o seu modo de ser e o de viver.

O nome Araxá (por extensão, um lugar alto onde primeiro se avista o sol) é um legado dos



FÁBRICA
DE SABÃO
ARAXÁ

R. Dr. Franklin de Castro, 90
Fone: (034) 661-2293 - Araxá

Produtos



INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS ARAXÁ LTDA.
FONE: (034) 662-3443

IOGURTE FLOP - CREME DE LEITE - LEITE DESNATADO
LEITE VITAMINADO - LEITE TIPO C - REQUEIJÃO - QUEJO
MUSSARELA - QUEJO PROVOLONE - QUEJO TIPO PRATO
QUEJO MINAS FRESCAL - QUEJO MINAS PADRÃO



Uniclínica
Medicina
Especializada

A SAÚDE
DE SUA
FAMÍLIA EM
BOAS
MÃOS.

AV. ARACELY DE PAULA, 955
FONE: 661-1000

Índios para a cidade. Algumas denominações de ruas e lugares próximos como Pepururé (caminho tortuoso), Ipiá (vau do rio), Imbiacá (caminho da barra do rio), Itacuru (fragmento grande de pedra ou cascalho), Imbiara (caminho das águas), Ibiá (encosta, barranco), Jaguará (onça, tigre, cão), Paranaíba (grande rio imprestável à navegação), Caetitu (porco do mato) comprovam a presença da comunidade indígena em nossa formação sócio-cultural.

LENDA RECONSTITUI DIZIMAÇÃO

Como parte da história oral de Araxá existem várias lendas que, transmitidas de geração em geração foram registradas por escrito e se tornaram tradição. A lenda da Catuíra, por exemplo, criada, possivelmente, em função da inexistência de dados sobre os índios, reconstitui a sua extinção de acordo com a imaginação popular. Basicamente conta a lenda que os índios foram dizimados por motivo de uma traição. Iboapi teria sido um índio apaixonado por Catuíra, filha de Andaia, cacique da tribo, que por sua vez dera a filha como prêmio a Maú, depois de uma luta vitoriosa. Iboapi teria indicado o caminho da aldeia a Inácio Corrêa Pamplona, chefe de uma expedição colonizadora. Os índios, reunidos na aldeia durante a festa de casamento de Catuíra e Maú, foram derrotados e só alguns poucos escaparam.

A COMUNIDADE NEGRA

Na história de Araxá constata-se um outro aspecto específico: o da formação de quilombo.

A resistência dos negros contra os brancos deu-se sob a forma de criação de quilombos, de revoltas, de assassinatos dos senhores e através, ainda, da preservação de hábitos e costumes da terra de origem expressos na religião, na música, na dança, na culinária. Embora tivessem sido levados pelo sistema a destruir sua identidade cultural, os negros a mantiveram concretamente. Prova disto está a consciência negra como suporte dos Movimentos Negros atuais.

Aqui, a presença dos negros do passado foi marcada pela existência, na região, do

Quilombo do Ambrósio. Fugindo do trabalho forçado nas fazendas e da sua condição de escravos, os negros se organizavam em aldeias onde viviam em busca da liberdade e protegiam-se contra a perseguição do homem branco.

Atualmente, uma equipe de arqueólogos da UFMG liderada pelo professor Dr. Carlos Magno Guimarães, desenvolve um trabalho de pesquisa sobre esse Quilombo. Seu objetivo é obter dados que permitam a reconstituição histórica da dinâmica social interna dessa comunidade negra dizimada no século XVIII. Desse estudo, ainda que inacabado, já surgiram revelações preciosas como por exemplo: o formato e as dimensões das construções erguidas pelos negros, a distribuição dessas construções, a divisão espacial do trabalho e a identificação dos elementos da vegetação usados como alimentos.

- FONTES DE ÁGUA - FONTES DE SOBREVIVÊNCIA (I)

Tanto a população indígena como a comunidade negra constituída no Quilombo do Ambrósio resistiram de várias formas à tentativa de domínio dos brancos mas, aos poucos, foram dominados. Isso teria acontecido em meados do século XVIII, anos setecentos.

Em função das expedições colonizadoras, que passavam por nossa região em direção a Goiás, abriram-se caminhos ligando Minas Gerais àquela província. Ao longo destes foram surgindo núcleos de ocupação dentre os quais, Desemboque e Araxá. Araxá, possivelmente, foi o segundo ou o terceiro destes núcleos na região atualmente compreendida pelo Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A prática da pecuária foi o motivo básico dessa ocupação, seguida por atividades paralelas como o comércio (ou a troca de mercadorias) e a agricultura.

Desemboque (hoje, distrito de Sacramento) foi fundada a partir da exploração de ouro. Mas o ouro do Rio das Velhas logo se esgotou. Seus moradores foram obrigados a buscar outras formas de sobrevivência e na criação de gado estabeleceu-se a base econômica de então. Um fator influenciou decisivamente nos acontecimentos das últimas décadas do século XVIII: a descoberta das águas minerais do Barreiro. O sal natural das águas atraiu não só criadores e tropeiros do Desemboque e de outras localidades próximas bem como pessoas de diversas profissões (e também sem profissões) marcando a fundação de Araxá como Freguesia.

Ser Freguesia implicava a condição de ser arraial com capela devotada a um santo (no nosso caso, São Domingos), em terras doadas ao patrimônio da Igreja (suficiente para o crescimento do povoado ao seu redor) com um vigário próprio.

ARAXÁ-GOIÁS

Araxá nasceu pertencendo à Província de Goiás embora, muito antes, essa região tenha pertencido a Minas Gerais. Em 1816, e essa é uma data significativa, nossa região retorna à proteção mineira a partir de um movimento liderado por araxaenses. Convencionou-se atribuir a Dona Beja a responsabilidade desse episódio de reconquista de território. Historicamente, sabe-se que os moradores de Araxá fizeram um movimento a favor do retorno a Minas das regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Eram os fazendeiros que, através de um abaixo-assinado, alegavam que o povoamento da nossa região foi promovido pelos habitantes de Minas Gerais quando conquistaram a terra e a fizeram produzir, que pretendiam obedecer à Justiça de Minas já que a Comarca de Goiás encontrava-se distante e a comunicação e as estradas até lá eram de difícil acesso.

Segundo os argumentos dos fazendeiros, ao mesmo tempo que Araxá oferecia aspectos favoráveis para o povoamento como excelentes pastagens, solo fértil para a agricultura e bom clima, a vinda de novos moradores era dificultada pela ausência de justiça.

O fato é que o movimento foi vitorioso e Araxá voltou a pertencer a Minas Gerais. Desde então, a questão dos limites da nossa região gera inúmeros debates e discussões. De tempos em tempos, e, ainda hoje, o tema em torno da separação do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba volta à tona com o intuito de se criar um novo estado da federação independente de Minas Gerais.

É essa a origem da questão separatista do Triângulo e acreditamos ser ela uma questão que a história se encarregará de definir por envolver circunstâncias e interesses diversos.

ETERNA VOCAÇÃO

O ciclo da pecuária que promoveu o aparecimento de Araxá parece reafirmar a nossa vocação para essa atividade. Atualmente se destacam dois tipos de pecuária: a criação de gado leiteiro e a criação e engorda de gado de corte.

A produção de leite é bastante comercializada e dá suporte à produção de queijos e doces que, por sua vez, contribuem para fortalecer a nossa economia e divulgar o nome de Araxá. Ao lado da pecuária, a agricultura foi aos poucos se tornando uma atividade econômica representativa. No início era uma agricultura de subsistência: produziam-se milho, fumo, café e algodão. O algodão foi muito utilizado como matéria-prima para a produção de tecidos em teares manuais.

Hoje, a produção agrícola mais diversificada assume posição de destaque na economia através da produção de milho, café, arroz, soja e batata.

- FONTES DE ÁGUA - FONTES DE SOBREVIVÊNCIA (II)

A visita de alguns pesquisadores europeus a Araxá, no século XIX, proporcionou a descoberta e a exploração de uma potencialidade econômica instaurada, posteriormente, como o ciclo das águas minerais.

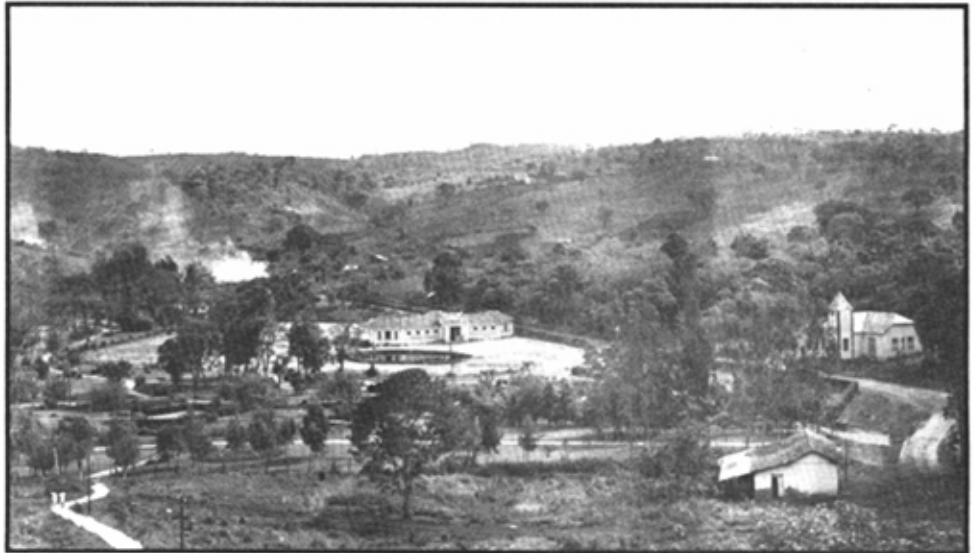
Foi em 1816 que o alemão Barão de Eschwege fez os primeiros estudos científicos das águas minerais do Barreiro e comunicou a existência delas às autoridades portuguesas no Brasil. As nossas águas, que haviam sido descobertas há algumas décadas pelos criadores de gado e tropeiros e utilizadas somente em função da pecuária, a partir desse estudo, foram submetidas a tantos outros e passaram a ser exploradas pelo seu valor terapêutico.

Em 1819 o biólogo francês, August Saint-Hilaire, em viagem de estudos pelo interior do Brasil, passou por Araxá e descreveu sua chegada ao Barreiro. Ele disse: "...Depois de ter caminhado uma légua e meia mais ou menos, por uma trilha bem batida, cheguei finalmente ao local onde se encontram as águas minerais e que, ali, é chamado Barreiro. Num ponto sombrio da mata, onde as árvores são mais juntas e mais folhudas, há um espaço com cerca de 600 passos de circunferência, cercado por um muro de arimo e inteiramente tomado por uma lama negra e compacta. É do meio dessa lama, em cinco ou seis pontos diferentes, que brotam as fontes de água mineral..." (Saint-Hilaire, 1975).

Na descrição de Saint-Hilaire, ele diz ainda que as águas eram límpidas, de cor avermelhada e que possuíam um cheiro que lembrava ao mesmo tempo o de ovos podres.

Araxá atravessou todo o século XIX apoiada em uma sociedade essencialmente agropastoril. Os pilares da nossa sociedade, no século passado, foram estabelecidos a partir das relações de produção dentro do meio rural. Fruto desse meio, a produção de queijo, aguardente, rapaduras, açúcar, farinha, fubá e polvilho é, até hoje, reconhecida pela excelente qualidade e por constituir-se em ingredientes básicos dos doces e quitandas típicos da cidade. Associada à produção em maior escala, a tradição acabou por transformar-se em alternativa economicamente viável.

Araxá conseguiu tornar-se Vila em 1831 e tornou-se cidade em 1865. Politicamente, foi durante todo esse período dividida em duas facções: conservadores e liberais disputaram o poder local, alternaram-se no comando da vila e depois da cidade e aqui projetaram os acontecimentos de toda a fase imperial do Brasil.



Barreiro Antigo 1926-1930. Fotografia de Octavio Fonseca. Doação de Lourdes Zema. Arquivo SPI/FCCB

No final do século XIX, já República do Brasil e não mais Império, foi realizado o primeiro estudo geológico da região do Barreiro. A primeira análise química das águas foi apresentada a todo Brasil.

TURISMO INCIPIENTE

Fundou-se um sanatório para tratamento de tuberculose e uma empresa particular obteve da Câmara Municipal, então administradora da cidade, o privilégio para explorar as águas. Teve início, assim, o saneamento básico do Barreiro tão necessário a sua exploração.

Houve uma divulgação das águas pela imprensa local. Foi criada, em 1890, a "Gazeta de Araxá" com o objetivo único de propagar as nossas águas minerais.

Na virada do século XIX para o século XX a cidade inaugurou serviços básicos como o abastecimento de água e a instalação da rede elétrica. Foram construídas as primeiras pensões e a primeira Casa de Banho. Foi também nesse início do século XX que as fontes e os seus terrenos próximos foram doados ao Estado de Minas Gerais que, em troca, criou a Prefeitura de Araxá. Esta passou a exercer a função de administrar e executar o que, até então, ficava a cargo da Câmara Municipal.

O poder político nesse momento e até meados do século XX foi praticado pelos que detinham a posse do maior meio de produção: a terra. Os latifundiários, líderes políticos e chefes de partidos, representaram fielmente a política dominante, o coronelismo. A cidade dividiu-se por vários anos em duas facções cujas

divergências tornaram-se célebres nas lembranças dos araxaenses que viveram aqueles momentos.

Os partidos locais de então, (PRM - Partido Republicano Mineiro e PP - Partido Progressista) representavam os partidos a nível nacional e o coronelismo dava suporte ao sistema que ficou conhecido como "Política dos Governadores" ou "Política do Café com Leite", no caso de Minas Gerais e São Paulo, quando os presidentes do Brasil se alternavam: ora um candidato paulista, ora um candidato mineiro.

Em termos de transformações sociais e até mesmo culturais, no início do século XX, a existência das águas minerais e a exploração do potencial turístico do Barreiro proporcionaram a chegada de elementos estrangeiros. Enquanto o governo brasileiro incentivava a imigração oferecendo oportunidades de trabalho, Araxá deixava transparecer, a quem soubesse visionar o futuro, um vasto campo economicamente inexplorado.

Os imigrantes que aqui chegaram foram atraídos, muitas vezes, por laços de parentesco e de amizade. A imigração tornou-se um fenômeno socialmente importante na medida em que introduziu novas atividades econômicas e novas tradições culturais, em especial, os costumes alimentares. As maiores colônias na história de Araxá são as de sírio-libaneses e de italianos. Mas também vieram, em proporções menores, franceses, portugueses, alemães, austríacos e latino-americanos.

Os sírio-libaneses dedicaram-se principalmente ao comércio (antes de se estabele-

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO DE PROPAGANDA EM GERAL:
ESTÚDIO DE ÁUDIO, EQUIPAMENTO PARA VÍDEO
PROFISSIONAL, EDIÇÃO EM BETACAM, COMPUTAÇÃO
GRÁFICA, MÍDIA IMPRESSA, MATERIAL PROMOCIONAL PARA
EMPRESAS, SERVIÇO DE CERIMONIAL



RUA THIERS BOTELHO, 53
FONES: 662-2097 e 986-1893
ARAXÁ



PREÇOS ESPECIAIS PARA VOCÊ!

R. Calimério Guimarães, 310 - Fone: 661-3962

ANTÔNIO LÚCIO
CONTABILIDADE

Rua Dom José Gaspar, 539
Fone: 661-4800



Visita de autoridades às obras do Barreiro. Década de 40. Doação de Aparecida Guimarães. Arquivo SPH/FCCB.

cerem trabalhavam, geralmente, como mascates). Já os italianos diversificaram suas atividades no ramo de hotelaria, construção civil, oficinas, pequenas fábricas e concessionárias. Alguns dos grupos empresariais de Araxá na atualidade (Grupos Zema, Neumann e Empresas Kamel), tiveram a sua origem no trabalho pioneiro dos imigrantes.

TURISMO DE FATO

A descoberta das propriedades das águas, a evolução dos seus estudos e a sua utilização no tratamento de algumas doenças provocaram a exploração, de fato, do turismo instituindo o que chamaríamos de um novo ciclo econômico.

Nas primeiras décadas do século XX o número de turistas (chamados de "aquáticos") que visitavam Araxá era cada vez maior. Foi necessário equipar a estância para atender aos visitantes que aqui chegavam. O Barreiro, então, passou por transformações que visavam incrementar o turismo. Construíram-se a antiga estrada Araxá-Barreiro (1915), hotéis e pensões; criaram-se fábricas como a de sabonete e a de laticínios. Em 1926 inaugurou-se a Estrada de Ferro Oeste de Minas, conquista reivindicada desde as últimas décadas do século anterior.

Para atender ao desenvolvimento do Turismo cada vez mais crescente foi criado, em meados do século XX, um arrojado projeto arquitetônico: todo o Complexo Turístico que compreende o Grande Hotel, as Termas, as Fontes Dona Beja e a Andrade Júnior (nome atribuído em homenagem ao hidrólogo e geólogo responsável pelo estudo da Bacia do Barreiro), a praça de esportes, as lagoas e os jardins (estes, projetados por Burle Marx).

O Complexo Turístico do Barreiro foi inaugurado, parcialmente, em 1944. No Brasil vivia-se o momento de grande repressão política e em Minas Gerais imensos recursos

financeiros eram destinados à conclusão das obras. Antes, porém, alguns setores da comunidade araxaense, dividiram-se em opiniões quanto ao projeto a ser implantado. Alguns defendiam a idéia de se criar um plano menos ousado e não tão audacioso. Já outros sentiam-se envaidecidos por Araxá contar com um patrimônio cuja suntuosidade e magnificência provocam grande admiração ainda hoje.

O Grande Hotel, por longo tempo, sediou Congressos, Feiras Internacionais e Encontros do Mundo Político Nacional. O Cassino, que nele existiu, movimentou os seus dois primeiros anos de funcionamento, revestiu de luxo e glória aquele tempo e, hoje em dia, desperta esperança nos que vêem na legalização do jogo um meio de dinamização da economia local.

DONA BEJA

A Estância Hidromineral do Barreiro passou a ser conhecida nacionalmente e, desde então, o tipo de clima, o valor das suas águas e da lama termal foram associados ao mito Dona Beja, apelido de Anna Jacintha de São José. Esta é uma personagem que devido à complexidade, ao renome e, até mesmo, ao mistério que a envolve, merece sempre um capítulo à parte.

Para falarmos sobre Dona Beja torna-se necessário recorrermos ao auxílio de outra ciência. Segundo a psicologia, o homem tem necessidade de compreender, de contar a sua história e de buscar a sua própria preservação. Dessa sua inerente necessidade podem surgir a criação e a crença nos mitos.

Desde o início das atividades do Setor de Patrimônio Histórico, a equipe de pesquisa relutou em desenvolver o tema "Dona Beja" por entender seus diferentes aspectos e por considerar, de certa forma, que dentro da História de Araxá havia ainda muitos temas a

serem pesquisados e tão interessantes quanto Dona Beja, já que, naquele tempo, o trabalho de reconstituição e preservação da memória de Araxá encontrava-se ainda no início.

Há cinco anos atrás, as circunstâncias do momento como, por exemplo, o despertar da consciência de que a cidade precisava investir no turismo explorando o seu potencial, mostraram-nos que não podíamos mais adiar tal estudo. Como profissionais e como cidadãos estávamos sempre sendo questionados sobre Dona Beja, portanto, precisávamos fornecer dados concretos sobre esta personagem fundamentados em uma pesquisa sistemática.

VERDADE HISTÓRICA

Existe, de fato, uma documentação que comprova a existência de Dona Beja indicando que ela nasceu em Formiga, que viveu em Araxá e em Estrela do Sul, onde faleceu em 1873 deixando expressos em testamento os últimos desejos. Algumas fases da sua vida, porém, como a infância, a adolescência e a sua possível participação no episódio do retorno do Triângulo Mineiro à jurisdição de Minas Gerais têm sido impossíveis de serem definidas, devido à inexistência de fontes documentais a esse respeito.

Anna Jacintha de São José foi filha natural assim como também suas filhas o foram. Estão em Araxá, os registros de batismo das filhas datados de 1819 e 1838.

A análise do contexto social da época, sob a ótica dos documentos, nos leva a considerar um fator preponderante: Dona Beja na condição de mulher, de mãe, com estado civil de solteira, moradora no arraial de São Domingos de Araxá nas primeiras décadas do século XIX, teria alcançado uma posição de destaque na sociedade local. Casou suas filhas com membros de famílias influentes.

Num tempo em que as mulheres eram habituadas a saírem de casa somente para assistirem à missa aos domingos (dentro da igreja agrupavam-se na nave, enquanto aos homens era concedido o privilégio de se concentrarem próximos ao altar), Anna Jacintha de São José parece ter sido uma mulher que exerceu a sua cidadania assumindo atitudes atribuídas exclusivamente ao sexo masculino. A exemplo, algumas iniciativas como solicitar providências à administração pública ou tomar providências que seriam próprias desta, recorrer à justiça, comprar, vender ou construir imóveis, e ocupar uma posição político-partidária como a ocorrida por ocasião do Movimento Político de 1842.

Comprovadamente Anna Jacintha de São José foi proprietária de escravos, muitos dos quais ainda batizou. Foi proprietária de um sobrado situado na praça da antiga Matriz, fato que reforça sua posição social destacada pelo

tipo de construção e pela localização do imóvel na Vila. Em torno da fantasia que cerca a Chácara do Jatobá, podemos afirmar que Dona Beja possuiu uma propriedade rural, porém nenhuma referência nos leva a crer que este teria sido exatamente o seu nome.

Em meados do século XIX, Anna Jacintha de São José teria se mudado para Bagagem (atual Estrela do Sul) por ocasião da corrida aos diamantes ali encontrados. A busca de novas perspectivas é procedente, bem como o êxodo da população, já que naquele momento, Araxá atravessava uma fase de estagnação.

FANTASIA E MITO

A vida de Dona Beja teria despertado atenção e encantamento a partir dos anos 30 e 40, com a construção do Grande Hotel e das Termas do Barreiro. Os trabalhos artísticos que enriquecem as paredes do Balneário mostram a figura dessa personagem e associam sua beleza ao valor das águas e da lama termal.

Muitos escritores, araxaenses ou não, escreveram romances que tinham como tema central a vida de Dona Beja. São trabalhos literários, porém, isentos de compromisso com a verdade histórica. O mesmo acontece com a novela da Rede Manchete que adquiriu aspectos ainda mais fictícios e mais distanciados da realidade.

Na década de 60, o jornalista Assis Chateaubriand, na época considerado o homem das Comunicações no Brasil por deter o monopólio do jornal, do rádio e da televisão através dos Diários Associados, passou uma temporada em Araxá. Submetido a um tratamento médico, aqui estabeleceu vínculos de amizade e presenteou a cidade e seus moradores com uma instituição cultural. Em 1965 nasceu o Museu Dona Beja, instalado em um imóvel adquirido pelos Diários Associados.

O acervo inicial foi composto por gravuras e telas de artistas plásticos renomados, mobiliário, porcelanas e objetos característicos de uma residência do século XIX. Atualmente o Museu Dona Beja adota a proposta de contar a história de Araxá e nela incluir a história de Dona Beja.

É evidente que a pesquisa sobre a personagem não se esgota e está sempre se desdobrando em outras, tal como um processo. E na medida em que se revela a necessidade de exploração do mito em função do turismo reafirma-se a necessidade de desenvolver a pesquisa. O Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Calmon Barreto está constantemente empenhado na busca de novos dados sobre Dona Beja.

LAMA E MINÉRIO

A transformação do Balneário do Barreiro em pólo turístico na década de 40 havia elevado o ciclo do turismo de Araxá ao seu apogeu.

Quando o cientista alemão Eschwege passou por aqui, em 1816, registrou a existência de uma jazida de ferro próxima às fontes e a viabilidade de sua exploração.

A partir de 1950, estudos geológicos comprovaram a presença de dois minérios, o nióbio e a apatita, que reafirmaram uma vocação para a mineração já evidenciada anteriormente com a exploração das águas sulfurosa e radioativa. A principal reserva de nióbio proveniente do mineral pirocloro, de acordo com os especialistas, está localizada em Araxá. A versatilidade do uso do nióbio se deve ao fato de ser ele resistente às altas e baixas temperaturas e à corrosão. Através da CBMM, Araxá é a principal fornecedora de produtos de nióbio no mercado mundial. Ela abastece todo o mercado interno e o excedente é exportado. Seus produtos são consumidos em mais de 40 países da Europa, América do Norte, América do Sul, Ásia, África e Oceania. A reserva do fosfato de Araxá é aproveitada pela Arafertil desde 1971. A partir da exploração do minério de fosfato obtém-se a apatita e se produz o fertilizante fosfatado. A produção de fertilizantes pela Arafertil equivale a 20% do que é consumido no Brasil.

PERSPECTIVAS DE CRESCIMENTO

Nas últimas décadas, o crescimento e o aprimoramento da indústria mineradora foi seguido pela micro, pequena e média indústria na área de alimentação, vestuário, artefatos de couro, cimento e lajes pré-moldadas. A indústria de móveis é uma indústria que merece referência especial pelo espaço que ocupa quanto à geração de empregos e à arrecadação de tributos.

Em termos sociais, desde a implantação da indústria mineradora foi incorporada à sociedade local a categoria de técnicos e outros elementos que ampliou o número de profissionais liberais e diversos tipos de trabalhadores assalariados. É esse um fator natural decorrente das próprias transformações econômicas então sofridas e que puderam ser percebidas em outros setores da comunidade. Ainda nesse período, Araxá se transforma em pólo regional de instrução universitária.

Como pesquisadores, acreditamos que Araxá vive, hoje, um momento de decidir, historicamente, o caminho do desenvolvimento a ser retomado.

Na observação do cotidiano da cidade sentimos, e a população em geral também o

sente, a necessidade de se criarem novas alternativas econômicas reorganizando a produção no município. A análise da realidade tem sido tão ou mais esclarecedora para definir os rumos de uma comunidade do que o estudo de grandes acontecimentos econômicos, políticos e sociais que ela possa promover.

No caso de Araxá, a cidade deverá reafirmar sua vocação para a pecuária e a agricultura? Deverá proporcionar incentivos e investimentos à industrialização? Deverá retomar a exploração do potencial turístico do Barreiro já que a indústria do turismo ocupa a primeira posição na economia de muitas das grandes potências mundiais? Deverá optar por todos esses caminhos numa tentativa de conciliação e retomada do seu crescimento?

Pensar a história como sendo toda a experiência humana, significa que a história real é construída por homens reais, por nós mesmos, e seremos nós, o povo, mais os nossos administradores, que iremos definir o nosso próprio futuro.

Acreditamos que Araxá deverá ser capaz de aprender com as experiências passadas e adaptá-las à atualidade. E essa forma de pensar a nossa história recente, independente de métodos e técnicas é passível de análise, portanto não somente de grandes projetos, como por exemplo, a diretriz norteadora dos destinos da economia de Araxá, mas é também uma forma de analisar as mais elementares vivências do nosso dia-a-dia.

Fonte:

- ALVES, Márcia A. As estruturas arqueológicas do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro - Minas Gerais. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, 2:27-47, 1992.
- ARAXÁ. Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente. Relatório Diagnóstico para o Plano Diretor de Araxá.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. Barão de Eschwege. Belo Horizonte, Casa de Eschwege, 1977.
- IDEM. História de Minas. Belo Horizonte, Editora Comunicação, 1979, 3 v.
- BUENO, Silveira. Vocabulário Tupi-Guarani Português. São Paulo, Brasi-livros Editora e Distribuidora Ltda, 1982.
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. Editora Palas Athena, 1990.
- CARTELLE, Castor. A exposição paleontológica do Grande Hotel de Araxá. 1994, 7 p.
- CBMM. Araxá: o lugar onde primeiro se vê o sol. 35 p.
- FAUSTO, Bóris. História do Brasil. 2ª edição, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.
- FUNDAÇÃO CULTURAL CALMON BARRETO. Roteiro de Araxá. 18 p.
- MARX, Murilo. Cidade no Brasil Terra de Quem?. São Paulo, Livraria Nobel S/A, 1991, 143 p.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio São Francisco. São Paulo, Livraria Itatiaia Editora Ltda, 1975, 190 p.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo e outros. A Pesquisa em História. São Paulo, Ática, 1989.

- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.
- Secretaria Municipal de Agricultura.
- Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo.

Você Conhece?



Fotografia colada em moldura de papelão. Foi doada por Marcia A. Ribeiro Borges. No verso apresenta somente alguns adornos e a seguinte inscrição: "Ao Baby e Esther oferece como lembrança os irmãos Eurico e Zinha". Você seria capaz de reconhecê-los?



Esta fotografia também pertenceu ao acervo da Família João Ribeiro. Não constam local, data e nomes. Você os conhece?

PESQUISAS ... EM ANDAMENTO

A ANTIGA PRAÇA DA MATRIZ

Dando continuidade à reconstituição da antiga praça da Matriz, a partir do início do século XIX, estão em andamento as seguintes pesquisas:

- O Sobrado da Josefa Pereira (atual prédio da Câmara Municipal)
- O Sobrado da Franca (hoje, agência do Bradesco)
- O Sobrado dos Afonso (demolido na década de 1930). No local, desde 1940, está a atual construção residencial e comercial da família Lemos.
- O Sobrado do Zeca da Cunha (já demolido, se localizava exatamente onde hoje está o Ponto de Táxi da praça).

OS OFÍCIOS

Na coluna Quem foi Quem procuramos destacar a atuação das pessoas que exerceram um ofício ou que, de alguma forma, participaram da vida comunitária de Araxá, muitas vezes, até anonimamente. Esse tem sido o critério adotado para a realização das pesquisas e sua posterior divulgação. Estão sendo estudadas as profissões representativas para a formação da cidade como as de alfaiates, costureiras, jornalistas, pedreiros, construtores, farmacêuticos, engenheiros, advogados, sapeiros, fotógrafos, comerciantes, enfermeiras, barbeiros, músicos, professores, mecânicos, médicos, carteiros, dentistas, políticos e outras mais.

DONA BEJA

Em torno da questão do mito Dona Beja estamos aprofundando as pesquisas sobre a descendência da Anna Jacintha de São José. Sua filha Tereza Tomázia de Jesus foi casada com Joaquim Ribeiro da Silva, e teve seis filhos. Joana de Deus de São José, a segunda filha, casou-se com Clementino Martins Borges com quem teve sete filhos. Ao que parece, alguns descendentes das duas filhas de Dona Beja residem em Araxá e na região.



Retirar cópias xerox compromete a durabilidade e a fidedignidade dos documentos.



A maior rede varejista do interior de Minas Gerais.

BRADESCO

AV. ANTÔNIO CARLOS, 15
FONE: 662-2620 - ARAXÁ



O campeão do preço baixo!

PORCELANAS ARAXÁ

Comercial de Porcelanas Araxá Ltda.

Danièle Milione

Rua Dominicanas, 423 - Araxá

SÓ COLCHÕES

TAPEÇARIA

MAIOR ESTOQUE - MENOR PREÇO

R. Capitão Izidro, 486. esq. c/ N. Senhora da Conceição
Fone 661-5788 - Araxá

RONILDA

TELEFONES e PRESENTES

Compra - Vende e Aluga seu Telefone
Presentes para todas comemorações

RUA MARIANO DE ÁVILA, 48 - FONE: 661-3212